



Trabalhos Científicos

Título: Os Impactos Das Malformações Congênitas No Brasil: Um Estudo Epidemiológico

Autores: YASSER WADUD ISSLER (UNICEPLAC), SAMUEL SOTERO LOURENÇO (UNICEPLAC), PEDRO HARUO AGUIAR SEBATA (UNICEPLAC), MARCELLA CAMILLY VALE ANTUNES (UNICEPLAC), GABRIELA MENDES SOARES (UNICEPLAC), FELIPE CAMILO SANTIAGO VELOSO (UNICEPLAC)

Resumo: As malformações congênitas (MC) são alterações morfofuncionais que ocorrem durante o desenvolvimento embrionário e fetal, afetando cerca de 6% dos nascidos vivos globalmente. Elas representam a segunda principal causa de mortalidade infantil no Brasil, com destaque para cardiopatias congênitas e defeitos do tubo neural. Apesar de avanços no diagnóstico e tratamento, desigualdades no acesso aos cuidados de saúde persistem, principalmente para populações vulneráveis. "Analisar a mortalidade infantil por MC, destacando o perfil epidemiológico para uma análise racial e socioeconômica." Este trabalho trata-se de um estudo ecológico, com análise de dados do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH - DataSUS). Foi estudado o período de setembro de 2019 a setembro de 2024, abrangendo informações de todo território nacional. Durante o processo de pesquisa, foram aplicados filtros por faixa etária (0 a 14 anos) e "raça/etnia", com o objetivo de investigar as taxas de mortalidade, sempre com enfoque nas disparidades raciais e econômicas. Trata-se de um estudo dispensado de análise pelo Comitê de Ética em Pesquisa, por utilizar exclusivamente dados secundários de domínio público. A MC apresenta maior prevalência nas faixas etárias mais jovens, com pico de mortalidade entre 0 e 4 anos, representando 21% dos óbitos nessa faixa etária, principalmente por cardiopatias congênitas e defeitos do tubo neural. Nas faixas etárias seguintes, de 5 a 9 anos e de 10 a 14 anos, a mortalidade diminui progressivamente, mas ainda representa cerca de 8% e 5% dos óbitos infantis respectivamente. A análise por cor/raça revela que crianças amarelas e indígenas apresentam maior taxa de mortalidade por MC, superando a média geral em 73% e 48% respectivamente, evidenciando desigualdades no acesso a cuidados de saúde e fatores socioambientais. A mortalidade perinatal associada a múltiplas MC é elevada, com índices de até 32% em casos de defeitos múltiplos, especialmente quando há limitação no acesso a diagnósticos e a tratamentos adequados. Prevenção primária, como o uso de vitamina B9 e B12, e o acompanhamento pré-natal com triagem por ultrassonografia e marcadores bioquímicos permitem a detecção precoce de síndromes e anomalias congênitas. O tratamento envolve intervenções cirúrgicas e acompanhamento especializado, fundamentais para reduzir sequelas e melhorar a sobrevivência. Políticas públicas que garantam acesso universal e equitativo à saúde são fundamentais para combater essas disparidades e melhorar o prognóstico das crianças afetadas. As MC apresentam maiores taxas de morte em crianças menores de 5 anos e nas raças amarela e indígena. Assim, a combinação de prevenção e diagnóstico precoce - incentivada através de políticas públicas eficazes - ajuda a reduzir complicações e a aumentar a sobrevivência.